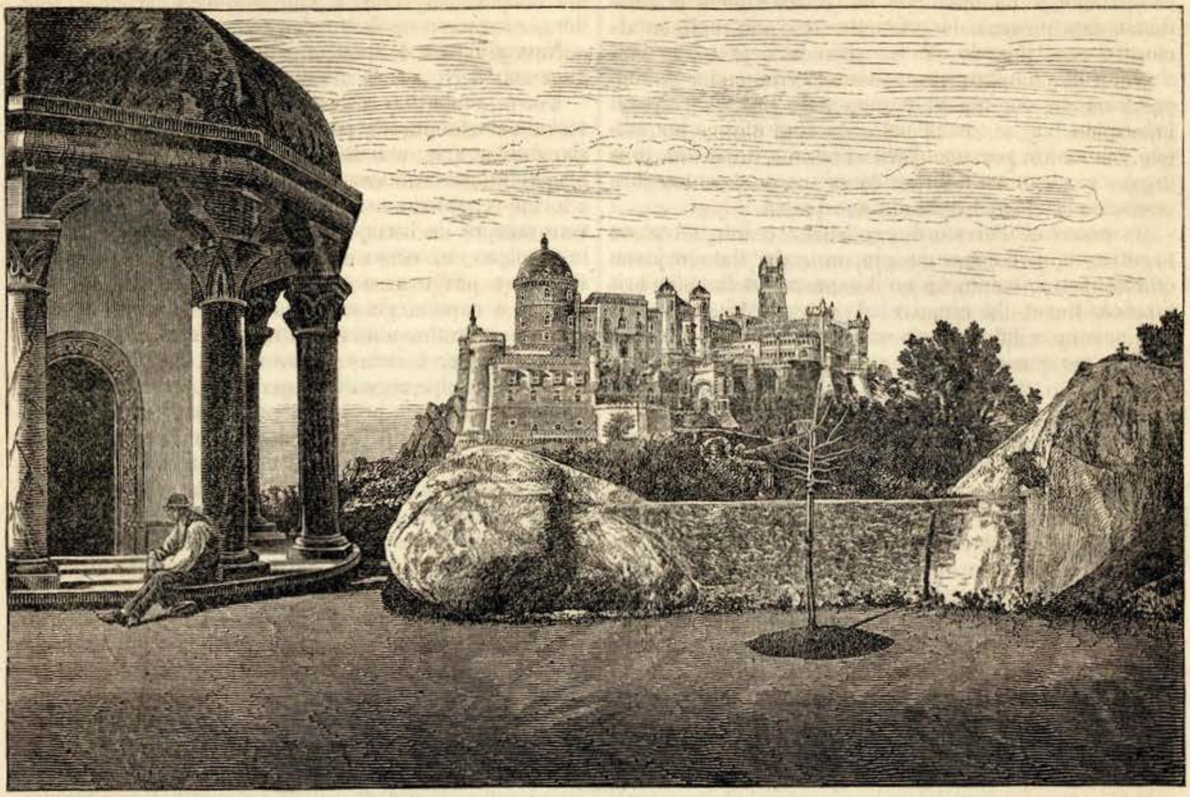


Palacio real da Pena, na serra de Cintra

Por varias vezes se tem occupado o *Archivo Pittoresco* d'este monumento manuelino, que foi salvo do naufragio em que se perderam tantos padrões historicos e artisticos de Portugal, cobrindo-se com a purpura real ao despir a cogula monastica.

Levantado ao aceno de D. Manuel, o *Venturoso*, remoçou e surgiu mais loução que outr'ora á voz do sr. D. Fernando II, o *Protector das artes*. Assim conta este edificio na sua existencia duas phases bem distinctas, apenas separadas uma da outra por um periodo de solidão e de abandono, ainda que curto, repleto de injurias lançadas nas faces venerandas do monumento, mais pelo vandalismo dos homens, que pelo embate do tempo.

Como mosteiro, e pelo que d'elle conserva, symbolisa a piedade religiosa do fundador, e as crenças vivas d'essas eras em que a fé dava coragem aos timidos e valor aos fracos. Além d'isso é um marco da civilisação, erguido em um pinaculo de elevada serrania, como para conservar vivas em todo o paiz as lembranças do soberano que logrou derramar a luz do evangelho, e estender o nome e o dominio dos portuguezes pela Africa, pela Asia e pela America.

Como paço real é um padrão dos progressos artisticos d'este paiz, não só por dar testimunho dos aperfeiçoamentos que tem attingido modernamente entre nós a architectura e a esculptura em pedra, mas tambem, e mais que tudo, porque nos está recordando o patriotico esforço de um principe illustrado, dirigido constantemente para dar impulso e vida ás bellas artes. Quem ha ahi que ignore o estado de decadencia e prostração em que se achavam as artes em Portugal, pela sinistra influencia das nossas luctas civis, quando o sr. D. Fernando II deu começo á restauração do mosteiro de Nossa Senhora da Pena? Pois durante essa calamitosa quadra, que tanto se prolongou na successão dos tempos e das desgraças publicas, foi sem dúvida aquella reedificação, e as novas construcções, a primeira obra que se emprehendeu n'este reino, na qual as boas artes achassem emprego e estimulo.

A historia e descripção do mosteiro encontral-a-hão os nossos leitores a pag. 363 do vol. I; e a pag. 353 do mesmo vol., e 177 e 329 do II, tres gravuras representando o palacio por diversos lados.

Quanto ao paço real e ao parque, formoso e vastissimo, que se estende a seus pés, havemos de tratar d'elles quando podermos auxiliar as nossas descripções com gravuras que representem com exacção, e de modo que façam realçar as variadas construcções e primorosas esculpturas do primeiro, e as bellezas e quadros pittorescos do segundo.

A gravura que adorna este numero é cópia de uma photographia.

I. DE VILHENA BARBOSA.

RODRIGO DA FONSECA MAGALHÃES

(Vid. pag. 189)

Rodrigo da Fonseca fôra desde os primeiros annos partidario do governo constitucional. Fôra-o como todos os homens que desde a tenra primavera, na leitura dos classicos latinos, tomam com o primeiro leite intellectual o amor ás livres instituições das republicas antigas. Com aquelle incançavel laboratorio de idéas philosophicas e politicas em Paris, onde fervia a revolução, era impossivel que os mancebos d'aquelle tempo se não deixassem como que instinctivamente conquistar pelos novos principios sociaes. Os cordões sanitarios com que o governo portuguez buscava procrastinar a explosão inevitavel em nossa terra, não

eram bastantes para impedir o contagio irresistivel. Rodrigo, ao concluir a guerra peninsular, pensava, pois, como grande numero de seus irmãos de armas e companheiros na universidade. A sua indole era naturalmente incapaz de submetter-se a um regimen vicioso e condemnado. O seu grande e já então cultivado entendimento não poderia accommodar-se com os ocios da paz na vida monotona das guarnições. Principiou por se ligar em Lisboa com alguns homens que, incitados por suas idéas liberaes, traçavam já ir dispondo a opinião e dirigindo os acontecimentos para a suspirada emancipação da sua patria.

O marechal Beresford era então omnipotente no exercito, e, por consequencia, no paiz. Caíu o joven official do regimento 15 no desagrado do dictador britannico. Moveu-lhe o marechal perseguições, que mais arraigavam a Rodrigo no seu proposito de cooperar na proclamação de novas e mais racionaes instituições.

Era então pelos annos de 1817, anno de lugubre memoria, anno assignalado nos fastos portuguezes pela primeira carnificina com que o agonisante poder absoluto intentava reprimir os vôos da liberdade. Urdiu-se uma conjuração, cujos agentes e fautores expiaram cruelmente no cadafalso o arrojo, porventura temerario, do seu patriotismo. Proseguiu por algum tempo na sombra e no mysterio o plano da rebellião. Filiavam-se na empreza alguns officiaes. Parecia destinado a dirigir a revolução um benemerito general, que, ao serviço da Russia e de Napoleão, havia honrado o seu nome e a sua espada. Era Gomes Freire de Andrade, que, pouco tempo antes, regressára a Portugal, deixando a França, onde ainda servira no principio da restauração.

Rodrigo da Fonseca parece que entrára tambem na conspiração. Apenas delatada ao marechal Beresford, pela traição de dois officiaes portuguezes que se tinham filiado a fim de a perjurar, havia-se por certo que os ultimos rigores castigariam os miseros cidadãos, colhidos improvisamente ás mãos da justiça, quando mais seguros se julgavam pela solemne religião do juramento. Nomeou a regencia uma alçada para julgar os criminosos. Correu o processo, em que figuravam Gomes Freire e varios officiaes do exercito portuguez, e o general hanoveriano barão de Eben, que durante a guerra andára ao serviço de Portugal.

Frustrada por este modo a primeira tentativa liberal, cuidaram de pôr-se em cobro os que haviam participado mais ou menos n'aquella empreza desastrosa. Era um d'elles Rodrigo da Fonseca. Posto que menos implicado na conjuração do que muitos dos seus confrades, não seria, de certo, com elle mais humana a justiça da regencia, quando o houvesse podido haver ás mãos. Principiavam, pois, para o illustrado patriota as perseguições e os perigos imminentes pela causa liberal. Homisiou-se, pois, Rodrigo, por fugir aos cadafalsos que, bem depressa, no campo de Sant'Anna, se erigiram em 8 de outubro de 1817, e onde foram executados, com terror e commiseração de toda a cidade de Lisboa, onze dos conjurados principaes. Alguns dias depois o bravo general portuguez, que tão honrada fama ganhára pelas suas virtudes e pela sua espada, o heroe de Ocksakow, o escriptor militar eminente, expirava no ultimo supplicio o seu odio á tyrannia. Os juizes recebiam em novos accrescentos o galardão da sua sanguinaria auctoridade, e a commenda de Gomes Freire era dada como premio ao chanceller-mór.

Passando de homisio a homisio, por escapar a mais duras perseguições, conservou-se Rodrigo da Fonseca em Lisboa até 1819. É de crer que este despotismo, e os excessos de um poder estupido e feroz, lhe confirmassem, como succede n'estes casos, a fé e a esperança na crença que seguia.

Cançado da vida arriscada e importuna que levava, resolveu deixar a patria, e ir procurar a paz e o socego no Brasil, cujo governo, mais illustrado e tolerante, promettia maior protecção aos foragidos.

V

Navegou para o Brasil em meiados de 1819, e seguiu sua derrota a Pernambuco.

Estava ainda mal convalescida aquella provincia das violentas commoções por que passára com a revolução militar que, a 5 de março de 1817, negára a sujeição ao governo do principe regente, e proclamára a fórma republicana. Após os muitos damnos, que servem sempre de cortejo ás rebelliões, fôra reprimida a insurreição, e, como era costume n'aquelles tempos, sellada a paz com o terror das execuções politicas. Fugira o capitão general desde os primeiros dias da revolta. Investira a anarchia no poder supremo a uma junta popular. Conclusa pelas armas a contenda, nomeou o principe regente ao general Luiz do Rego Barreto para que, com predicamento de capitão general, a fosse reger e pacificar. Desde junho de 1817 estava alli o illustre guerreiro das campanhas peninsulares cicatrizando, como podia, as feridas da provincia, buscando melhorar a administração e sanear por discretas providencias os estragos da guerra civil.

Talhava-se de molde a occasião para que Rodrigo da Fonseca se estabelecesse em Pernambuco. Fôra o general seu coronel no regimento 15, em que Rodrigo militára. Ligava-os a amizade desde a guerra da peninsula. A sombra de tão respeitavel auctoridade podia o fugitivo portuguez abrigar-se e porventura prosperar.

Não haveria de certo na provincia, entre portuguezes e naturaes, muitos homens de melhor siso e experiencia no trato difficil das coisas publicas, em tempos verdes e tormentosos, como então iam correndo para o Brasil e Portugal. Acolheu o general a Rodrigo da Fonseca, e nomeou-o, pelo que sabia já de suas qualidades e entendimento, seu secretario particular.

Algum tempo depois, attentando Luiz do Rego na utilidade que adviria á provincia de ter por immediato na administração um homem de tão singular engenho, lhe deu o cargo de secretario do governo, e bem depressa se convenceu de que fôra bem acertada a sua escolha.

Não é sem deixar nos espiritos as sementes da discordia, e nas paixões o sêllo da intolerancia, que a revolução e a guerra civil assolam por algum tempo uma provincia ou um estado. Restituida, pois, a paz a Pernambuco, lavrava, como que latente em cinzas ainda revôltas, o fogo das contenções civis. Propendia sempre a terra para a sonhada liberdade e independencia do jugo da metropole. Não estavam extinctas, se bem que soffreadas, as facções. Devia o governo ser difficil, e toda a prudencia e sisudez não demasiada para reger um povo que principiava a reputar os portuguezes mais como inimigos do que irmãos. A feição caracteristica no vulto moral de Rodrigo da Fonseca era o talento da concordia e o amor da conciliação. Ninguem melhor do que elle entendia e sabia praticar a arte maravilhosa de aquietar irritações, de catechisar malquerenças, de congraçar inimizades, e de fazer brotar do consenso dos animos a paz e o proveito da republica. Uma concessão a tempo, uma transacção opportuna, agora um tom austero, logo uma agudeza; umas vezes a oração que persuade, outras o discurso que abonança pelo riso a procella fremente das paixões; a tolerancia para com todos unida ao respeito da auctoridade; e sobre tudo isto a lenidade do seu animo, mais inclinado a dissimular peccados alheios do que a avultar e punir pequenos erros, eram os segredos que tornavam Rodrigo da Fonseca um homem accommodado a dirigir negocios publicos em paiz agitado por luctas intestinas.

Tal foi a sabedoria e doçura com que illustrou a notavel parte que houvera no governo, que de todos os partidos soube conciliar o respeito e a consideração: e se fôra possivel subjugar o curso providencial dos acontecimentos e evitar ós successos logicamente encadeados pelo destino das nações, tivera cabido a Rodrigo a honra de conservar a provincia de Pernambuco á coroa de Portugal.

Era, porém, fatal a emancipação da colonia, levantada pelos acontecimentos europeus á dignidade da metropole. Proseguia a largos passos a independencia, que alguns annos depois se consummou.

Insurgida novamente a provincia, e obrigados os portuguezes a desampararl-a, commetteram os pernambucanos a Rodrigo com honrosos partidos para que ficasse na cidade, fiando do que d'elle sabiam por experiencia quanto lhe seria proveitoso o seu conselho nas arduas conjuncturas que se iam preparando. Haviam cessado, porém, as razões de seu desterro. A revolução de 1820 proscrevêra o dominio ignominioso da regencia, e assentára as bases de um governo liberal. Podiam, pois, os foragidos volver á sua patria. Agradeceu Rodrigo os bons officios dos pernambucanos, rejeitando as honras e mercês com que o pretendiam attrahir, antepondo com altiva e nobre independencia, como portuguez que era de tão boa lei, a todos os augmentos propicios o serviço da sua patria, e o desejo de respirar, em fim, perfumado pelo aroma da liberdade, o ar puro do seu paiz natal.

VI

Em 1821 voltava Rodrigo a Portugal, em companhia do general Luiz do Rego. Era a quadra propicia e triumphante da revolução. Era o idyllio das esperanças e enthusiasmos. Era a revolução que se vestia de gala e se toucava de flores, em quanto os seus algozes, em torno d'ella, lhe cavavam a sepultura. A revolução, na propria paz e boa ordem com que se havia inaugurado, trazia já a predestinação do seu ephemero viver. Tinha o gravissimo defeito de não haver tido berço popular, embora lhe não fosse hostil o povo. Nascêra de um conselho militar, fôra planeada e urdida por homens que viviam em classes eminentes na hierarchia official, e trazida á luz nas bayonetas de uma divisão. Exaggerava o seu poder, dando ás suas innovações politicas dimensões desproporcionadas aos habitos do povo e ás suas tradições quasi immemoriaes. Confiava pouco em si quando hesitava na reformação dos abusos, cuja extirpação a plebe acolheria com fervor. Ousava levantar-se até á democracia nas instituições e nas fórmulas politicas, e fechava-lhe cautelosamente as portas nas instituições e nos costumes sociaes. Não era necessaria vista de aguia para ler através dos episodios pacificos da revolução o desenlace que havia de encerral-a. Mas, ainda que passageiro o seu triumpho, alcançava-se ao menos o resfolegar. A inquisição já não assombrava as consciencias mais pelo terror de suas antigas tradições que pelos seus autos de fé, caídos em desuso. Eram livres a imprensa e o pensamento. Erguia-se, é verdade que pouco firme em seus cimentos, uma tribuna parlamentar, d'onde soltava as suas torrentes patrioticas o ingenuo e eloquente Borges Carneiro, e o facundo Moura as suas arengas sentenciosas e regradas.

Rodrigo da Fonseca estava ao menos em atmosphera mais amena, e com a fama e patrocinio de seus amigos podia aspirar aos cargos publicos e á influencia nos negocios politicos do estado.

Pouco depois que chegára a Portugal, abriu-se concurso para serem providos alguns logares de official de secretaria. Foi Rodrigo da Fonseca um dos candidatos. Era facil de prever quanto se haveria de avantajar a quasi todos na cópia de boa erudição, no conhecimento e trato dos negocios, na correcta e fluente maneira de fallar e de escrever, em que aos trinta e dois annos de sua edade, já formado e robusto o espirito, pouco distaria do que appareceu depois no ministerio e na tribuna.

Foi Rodrigo nomeado official da secretaria de estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça. Não sabemos com certeza se do posto em que havia militado no exercito fôra antes d'isso demittido. Parece que o não fôra. Muitos annos depois, sendo já Rodrigo homem de estado, os seus implacaveis adversarios, que sempre os teve o merito quando excede a commum e rasteira mediania, o accusaram de desertor. Se merece este nome o militar que por salvar-se do supplicio, não por desamparar o campo da batalha, deixa a patria e as bandeiras fugindo á cruel perseguição de um governo oppressor e violento, que soldados e heroes tiveram as guerras da liberdade a quem não possa a malevolencia, com equidade similhante, applicar a mesma nota?

Declinava a revolução para o seu occaso. Eram poderosas as tramas que se urdiam para restituir a Portugal o ominoso governo absoluto. Eram já descobertos os assaltos, numerosas as ciladas. Conspiravam abertamente as classes que entreviam no regimen liberal a infallivel condemnação dos seus odiosos privilegios. Das insidias politicas voára a opinião realista aos excessos da rebellião. Era no extremo norte do reino que estavam postas as esperanças dos que suspiravam pela feliz restauração da velha monarchia. Capitaneava alli a insurreição o conde de Amarante, mais celebrado nas guerras civis de Portugal pelo appellido de Silveira. Governava as armas da provincia de Traz-os-Montes o general Luiz do Rego. Urgia que se acudisse com energica e prompta repressão áquella revolta, que, lavrando pelo reino, onde não faltavam os seus fautores, poria a constituição a pique de sua ultima ruina. Julgou-se prudente e necessario enviar o governo áquella provincia um commissario seu, que, junto do quartel general, e concertando-se com elle, provesse no que cumpria á segurança publica e levasse a breve termo a insurreição.

Quem melhor que Rodrigo da Fonseca poderia interpretar a vontade do governo sem levantar conflictos com tão ciosa auctoridade, como foram sempre, e eram principalmente n'aquelle tempo, os generaes que exerciam nas provincias do reino a auctoridade militar? Como homem discreto e avisado nos negocios em quadras tempestuosas, como liberal fidelissimo á sua religião politica, como victima que necessariamente havia de ser, caso triumphasse a rebellião, e como amigo particular de Luiz do Rego, recommendavam a Rodrigo para aquelle cargo as suas qualidades e circumstancias.

Partiu Rodrigo da Fonseca para Traz-os-Montes a juntar-se novamente ao seu antigo commandante, e taes foram os serviços então prestados por elle á causa constitucional, que a seus conselhos se deve na maxima parte attribuir a vantagem das armas liberaes, que não só levaram ante si, rotas e desanimadas, as tropas do conde de Amarante, mas já dentro do territorio hespanhol as foram acossando e perseguindo.

VII

Não havia, porém, valor nem brios que chegassem a dominar a tempestade que ameaçava a constituição. A celebre jornada de Villa Franca, no anno de 1823, de novo proclamou os *inauferiveis*. Um movimento militar fôra o berço da revolução; uma sedição militar, fomentada por um principe e favorecida por muitos liberaes, ou frouxos, ou simulados, ou apostatas, celebrou as exequias de um systema, cujos fructos não estavam ainda praticamente sasonados.

Presidia quasi nominalmente ao governo de Portugal um rei fraco, mas brando de sua condição, mais

culpavel pelo seu egoismo pueril que por seu entranhado affecto á realeza absoluta.

Repugnavam ao soberano, naturalmente pouco afeito ás violencias do governo, todos os actos de rigor e perseguição. Não pôde, todavia, a sua ingenita clemencia evitar de todo o ponto as represalias e vindictas da indomita facção que principiava a bloqueal-o nos seus paços, e a disfarçar-lhe na magestade o captiveiro.

Novas perseguições vem punir as culpas de Rodrigo. Deportam-n'o para a Figueira, para onde é tambem desterrado Luiz do Rego. Logo a demissão do logar da secretaria accresce á primeira pena. Inactivo para o serviço do paiz se conservou Rodrigo n'aquella povoação até fins do anno de 1824. Já seguro, por em quanto, o absolutismo, com o desanimo do partido liberal, disperso, trahido e desarmado, e com a feição reaccionaria que então havia tomado a Europa continental, remittio o governo seus rigores, honrou-se por maior tolerancia e lenidade, e consentiu que Rodrigo da Fonseca saísse da Figueira para Vianna. N'esta villa casou no mesmo anno com D. Ignacia do Rego, filha do seu antigo general, amigo, patrono e companheiro de perseguições e de fadigas.

Em 1825 conseguiu, não sem graves difficuldades, o ser restituido ao seu logar de official na secretaria de estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça. Para que a tolerancia do absolutismo operasse este milagre, seriam, porventura, parte as boas e honradas memorias que de si deixára durante o breve tempo que servíra o cargo, os quilates incontestaveis de seu engenho e doutrinação, e o patrocinio dos amigos, que sempre soubera conciliar pela affabilidade do seu trato e festiva amenidade de sua conversação.

Na secretaria da justiça permaneceu durante os breves tempos em que uma princeza exerceu a regencia d'estes reinos, e se fez a segunda e mal succedida tentativa do governo representativo, formulado já então na Carta Constitucional.

O segundo reinado da liberdade, salteado de emboscadas e vivido em sobresaltos repetidos, devia ser ainda menos duradoiro que o primeiro. O infante D. Miguel, enviado por seu irmão e soberano a reger o estado, como seu logar-tenente, trocou bem depressa o mandato em investidura. A facção que o circundava desde os primeiros arrojos da sua vida publica, lisongeava no mancebo, naturalmente ambicioso, como todos em tão florente edade e em tão eminente condição, o desejo de ser rei. E rei o levantaram os seus, dando-lhe ao throno o fanatismo por estrado, por cortejo a guerra civil.

A historia passou já sobre esses tempos e pronunciou o seu juizo. As paixões aquietaram-se; os animos, a principio toldados pela victoria, ou escurecidos pelo infortunio, podem hoje restaurar com maior fidelidade a critica d'aquelles successos lastimosos. Os principes, pois que são mais responsaveis perante a politica, é justo que o sejam menos perante a commiseração. Como quem rege na apparencia os destinos das monarchias, é contra elles que se levanta na praça o clamor das turbas descontentes ou oppressas. Como a quem, sem o pensar, é governado por lisongeiros e cortezãos, não é muito que os lastimemos infelizes. Aos outros homens está desde a infancia dictando a educação que por seus feitos e pensamentos hão de responder não sómente perante Deus, senão tambem diante do mundo e sua justiça. Aos principes está ensinando a adulação que tudo podem em seus estados, e que sómente ao divino tribunal hão de apresentar-se para ouvir seu julgamento. Ha principes ruins, a quem seus ministros e conselheiros ainda tornaram mais damnosos á sua grei; e principes tem havido, mancebos e vaidosos de seu berço e auctoridade, a quem os aulicos abriram o caminho do desterro com os proprios desatinos em que lhe promettiam a perpetua dominação.

A monarchia absoluta foi de novo inaugurada em Portugal no anno de 1828, em que pelos tres estados foi levantado rei o infante D. Miguel.

Era tão notoria a fama que de liberal e avesso ao governo triumphante gozava já Rodrigo da Fonseca, havia sido tão publica a sua cooperação durante os breves tempos do governo constitucional, que o seu nome devia figurar desde os primeiros dias do novo reinado na lista dos suspeitos. Adivinhou Rodrigo, e era facil a prophecia, as perseguições que haviam de acompanhar a acclamação do moço rei. Principiou por isso a tomar as necessarias cautelas e prevenções para fugir a taes vexames, caso viesse a enthronisar-se o sinistro regimen do terror.

Antes da perseguição quizeram tental-o com blandicias e favores os ministros do infante, fazendo-lhe grandes promessas de honra e estado, se quizesse converter-se ao partido absolutista. Apesar da sua prosperidade e triumphos; apesar de que seguia a nova bandeira a maior parte da nobreza e do clero regular e secular; apesar de que a baixa plebe se associava á fortuna do novo rei, que se lhe afigurava chão e popular; apesar de que estava obediente á sua voz a grande maioria do exercito portuguez, arreceiava-se, comtudo, o absolutismo de que não fosse bastante para firmar solidamente o seu futuro a precaria auctoridade dos factos consummados; temia-se que a força material não podesse viver desacompanhada da força intelligente, e que o despotismo se justificasse aos olhos do mundo civilisado, sem escudar-se ao menos com a apparencia do direito e a sombra da legitimidade.

Não sobejavam nos conselhos do principe, e entre os funccionarios que mais de perto influiam no governo, os homens de são juizo e boa razão; eram escassos os talentos, obscuros os publicistas, raros, e esses mesmos pouco discretos, os escriptores. Os pamphletos politicos de José Agostinho, que exsudavam sangue e pareciam dictados por bachantes nas torpes exaltações de uma orgia, deram depois a medida dos apologistas d'aquelle infaustissimo governo. Mais decoroso na fórma, porém não menos violento na idéa, o monge de Alcobaça D. Fr. Fortunato de S. Boaventura, depois arcebispo de Evora, não era, apesar dos seus talentos, o mais proprio para attrahir as affeições ao governo realista. Notado como escriptor violento e faccioso, já desde a reacção de 1823 e 1824 revelára nos proprios titulos das suas publicações periodicas o veneno politico destillado pela sua penna. Escrevêra então o *Punhal dos Corcundas*, o *Maço Ferreo Antimaçonico*, o *Mastigoforo* (o *Azorrague* disfarçado em fórmas gregas), e a sua *Contra-mina*, que saíu á luz desde 1830 até 1832, reluctava com a angelica lenidade do filho de S. Bernardo, e a caridosa austeridade do pastor.

Eram as letras pouco notaveis nos ministros e conselheiros, posto que entre elles alguns houvesse respeitaveis por sua auctoridade pessoal. Não era, pois, para desprezar o concurso de tão fecundo e singular entendimento como era o de Rodrigo da Fonseca, de cuja erudição politica e excellentes dotes de escriptor era já notoria a fama.

Commetteu a Rodrigo o ministro da justiça, Furtado de Mendonça, para que escrevesse a favor da legitimidade e direitos do infante á coroa de Portugal. Negou-se o bom e consciencioso patriota ás solicitações do ministro, auxiliado em sua instancia pelo conde de Rio Pardo. A recusa era uma tacita profissão de que não reconhecia o principe como a verdadeiro rei de Portugal. Depois d'ella viria naturalmente a perseguição.

De novo teve Rodrigo que precaver-se no homisio contra as vexações de um governo intolerante. Andou

de casa em casa, e deram-lhe amigos devotados asylo hospitaleiro entre mil sobresaltos e terrores. Em Lisboa se conservou até que chegasse a esta cidade José da Silva Carvalho, seu amigo particular, que por entre riscos e azares vinha desde o centro da Beira, fugindo ao cadafalso, que não sería avaro nem tardio com tão conhecido e intratavel inimigo do velho absolutismo.

Reunidos em Lisboa os dois amigos, poderam furtivamente fazer-se ao mar para Inglaterra, onde aportaram por fins de setembro de 1828.

(Continua) J. M. LATINO COELHO.

CARTAS A UMA SENHORA

AS TROMBAS

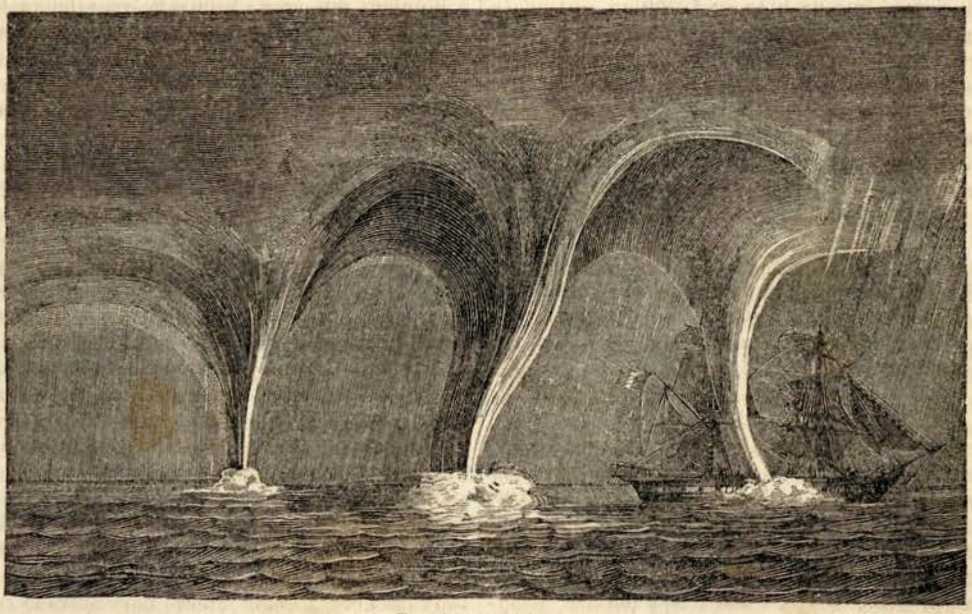
I

Nas suas *Reflexões sobre a Poesia Singela e Sentimental*, o grande Schiller apoda os gregos e romanos de pouco admiradores das scenas grandiosas da natureza, porque as descripções que os poetas d'essas epochas nos legaram peccam pela falta de sentimento.

Responde Humboldt com summa sagacidade e sciencia a estas accusações, e mostra outrosim que a civilisação greco-romana não é, nem póde ser, a synthese do mundo antigo, antes houve outras civilisações poderosas que nos deixaram padrões perduraveis, os quaes são hoje a admiração dos contemporaneos, que com os olhos do espirito desenterram do pó dos seculos e da mudez dos tempos monumentos de poesia descriptiva.

Faltam-me cabedaes e estudos para entrar n'este litigio; a outros, certamente muito mais lidos, incumbe ajuizar da faculdade descriptiva dos antigos, e a esses póde v. exc. recorrer, que ha de auferir grandes lucros intellectuaes; mas com ser isto uma pura verdade e não falsa modestia, parece-me que os modernos possuem, em grau muito mais elevado, essa faculdade descriptiva, do que os velhos poetas.

Os antigos consideravam a natureza como *alma mater;* adoravam-n'a, erguiam-lhe templos, mas esse culto era altamente materialista, e o sentimento, o recato profundo e augusto, o mysticismo seraphico, essa como que dispersão da alma no infinito — sublime matrimonio do homem com a natureza — tudo isto faltava, e isto mesmo é a poesia, ou a essencia purissima da poesia.



Trombas maritimas

Nos hebreus impera já outra feição, e encontrâmos na biblia descripções admiraveis de phenomenos naturaes.

Ao christianismo, porém, pertence esta iniciação, e só nos primeiros poetas christãos é que vemos transluzir o verdadeiro fanal.

Os antigos davam vida á natureza, os modernos dão-lhe vida e sentimento.

A differença é grande, é incommensuravel.

Mas houve outras causas que conduziram a estes resultados, e a sciencia, abrindo cada dia novos horisontes, ligando successivamente milhares de factos desconnexos, como que vae formando a epopéa da natureza, infinita como o assumpto, e cujo argumento grandioso é *Deus*, segundo os espiritualistas, a *força* e a *materia* sómente, segundo os materialistas.

Deixemos, porém, divagações philosophicas, e voltemos ao nosso thema.

Entre os poetas modernos que melhor souberam descrever os phenomenos naturaes, avulta o nosso grande épico, *através de cujo poema, escripto sob o ceo dos tropicos, na gruta de Macau e nas ilhas Molucas, sente-se fluctuar um como perfume da India,* conforme diz o sabio Humboldt [1]. Para fundamentar a sua opinião, cita o celebre viajante germanico algumas estancias de Camões, entre as quaes são dignas de eterna admiração aquellas em que o poeta descreve uma tromba maritima.

Não posso resistir á tentação de transcrever aqui essas estancias, em que o épico immortal mostrou verdade, exacção e pompa de imagens.

Diz assim Camões:

XIII

....
Não menos foi a todos excessivo,
Milagre, e coisa certo de alto espanto,
Ver as nuvens do mar, com largo cano,
Sorver as altas aguas do Oceano.

XIX

Eu o vi, certamente (e não presumo
Que a vista me enganava), levantar-se
Na agua um vaporzinho e subtil fumo,
E do vento trazido rodear-se:
D'aqui levado um cano ao polo summo
Se via, tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia;
Da materia das nuvens parecia.

[1] Vid. *Cosmos*, trad. fr. de Faye, vol. II, pag. 64 e 68. Vid. *Camões e Humboldt*, livro muito apreciavel, escripto por um portuguez benemerito, o sr. J. Silvestre Ribeiro.

XX

Ia-se pouco e pouco accrescentando,
E mais que um largo mastro se engrossava;
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava;
Estava co'as ondas ondeando;
Em cima d'elle ũa nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada,
Co'o cargo grande d'agua em si tomada.

XXI

Qual rôxa sanguesuga se veria
Nos beiços da alimaria (que, imprudente,
Bebendo, a recolheu na fonte fria)
Fartar co'o sangue alheio a sêde ardente;
Chupando mais e mais se engrossa e cria;
Alli se enche e se alarga grandemente:
Tal a grande columna, enchendo, augmenta
A si e á nuvem negra que sustenta.

XXII

Mas, depois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe,
E pelo ceo chovendo, em fim, voou,
Porque co'a agua a jacente agua molhe:
Ás ondas torna as ondas que tomou;
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.
Vejam agora os sabios na escriptura
Que segredos são estes de natura [1].

....

A descripção é acabada e magistral; tem cunho do genio e da verdade. Nada esquece, todas as gradações alli estão fiel e felizmente traduzidas.

Que bello verso:

«Estava com as ondas ondeando»

Parece que estamos vendo a tromba a oscillar, como um pendulo gigante.

E a comparação da sanguesuga! Não analysemos, que a perfeição não admitte analyses.

V. exc., senhora minha, não carece de incitamentos para admirar o maior epico das Hespanhas.

II

A natureza mostra-se verdadeiramente grandiosa nos polos e no equador. Os phenomenos são lá sempre terriveis e destruidores, e entre o fragor da geleira que se despenha nas ondas encapelladas, e o silvar da tromba que se ergue no Oceano, o espirito fica espavorido e submerso no terror.

A tromba maritima é um dos meteoros mais perigosos que perturbam apparentemente a harmonia da natureza, como diz A. Pellier.

Quando a tromba se empina sobre as ondas, e, reptil gigante, suga as aguas turbidas, o espanto e a desolação enchem a alma dos mareantes, e o naufragio é quasi certo.

São duas as qualidades das trombas: maritimas e terrestres. Ambas são devidas ás mesmas causas.

Uma vezes nascem estes vortices do embate dos ventos contrarios quando a atmosphera anda muito agitada. O phenomeno é então pouco perigoso, e encontra-se a cada passo em pequena escala, no que se chama vulgarmente *redemoinho*. Estes redemoinhos, porém, podem attingir dimensões formidaveis, mórmente nas montanhas muito altas, como acontece nos Alpes, Pyreneos, etc.

Mas as trombas propriamente ditas, que se encontram nos tropicos, e acompanham ordinariamente as grandes tormentas, erguem-se de repente, quasi sempre em calmaria, quando as velas dos navios pendem dos mastros, quêdas e immoveis como um sudario. Qual será a causa do phenomeno terrivel? O vento não, porque não bafeja a menor viração. Qual será pois? A electricidade? Assim o diz a sciencia, posto que a affirmativa não seja completamente possivel. Segundo Pellier, são as nuvens a origem das forças electricas. Quando sobrevem uma sêcca repentina, e os vapores da agua se evolvem, ficam as nuvens carregadas de um excesso de electricidade, e se por acaso alguma força estranha as accumula em largos novellões, desenvolvem-se mil forças attractivas e repulsivas, que podem determinar ou concorrer para a formação das trombas.

Todas as observações são concordes n'este ponto, e as observações terrestres, que se tem amiudado mais, dizem que as trombas são, com effeito, devidas ao jogo das forças electricas [1].

Antes do apparecimento do meteoro vão-se conglobando umas nuvens negras e altaneiras, que toldam a limpidez dos ares. A nuvem mais baixa toma logo a fórma de um cóne invertido, verdadeiro funil, cujo vertice se aproxima mais e mais da superficie das ondas, chega ás vezes a tocal-as, e a excavar uma depressão circular, coroada em volta por um repuxo, que similha o resfolegar de reptil.

Raro acontece que as aguas se levantem em cóne, sendo então maravilhoso o espectaculo, porque na peripheria erguem-se repuxos muito altos, que espadanam a agua a grande distancia. A este conjuncto de correntes, que ascendem e descem alternadamente, de jactos e repuxos, chamam os inglezes *bush*, sarça. As trombas são quasi sempre acompanhadas de bulcões, raios, trovoada, chuva e graniso, e soltam constantemente um silvar medonho e agudo. O doutor Leymerie descreve uma tromba nos seguintes termos:

«Estavamos na costa d'Africa, junto da foz do rio Gambia, quando se formou uma tromba. Reinava calmaria podre; o calor era intenso, e pela madrugada o ceo cobriu-se de nuvens espessas. Levantou-se de repente uma tromba de altura de cem metros, pouco mais ou menos.

....

«Esta columna era luminosa, e tinha um aspecto phosphorescente um tanto fulvo. O mar resplandecia, e o navio deixava um sulco de fogo.»

Costumam os mareantes romper as trombas atirando descargas de artilheria; mas este meio nem sempre surte effeito, e o navio póde ser arrastado ao abysmo. São muito mais raras as trombas terrestres, posto que os seus resultados sejam immensamente desastrosos. Ha, comtudo, magnificas descripções de alguns d'estes phenomenos, e estou certo que v. exc. não perde o tempo se ler a descripção de uma tromba terrestre, transcripta pelo sr. Daguin na sua *Meteorologia*.

A tromba terrestre é um meteoro talvez mais temeroso do que a maritima. Succedem-se as descargas electricas, que talam os campos, queimam as searas e as florestas, arruinam as casas, e espalham o estrago e a morte em grandes tractos da terra.

A electricidade é, porventura, ainda a causa unica do phenomeno que, felizmente, apparece rarissimas vezes nas nossas latitudes temperadas.

Tal é, minha senhora, o que a sciencia sabe ácerca das terriveis trombas, d'essas apparições pavorosas que ameaçam tragar, já o nauta na solidão do Oceano, já o rustico lavrador no amanho do campo.

Creia-me v. exc. servo das suas virtudes.

A. Osorio de Vasconcellos.

[1] *Lusiadas*, canto V.

[1] Vid. *Observações de Piddington* e a *Lei das Tempestades*, pelo dr. Baddeley.

TEMPESTADES DE ALDEIA

I

Nada ha mais singelamente poetico do que um templosinho aldeão; em parte alguma se respiram melhor os ares puros e salutares do christianismo. A cathedral pomposa, em todo o esplendor das ceremonias catholicas, onde o ambiente rescende os suavissimos aromas do incenso, onde as altas dignidades da egreja apparecem com as suas magestaticas vestes, com as mitras refulgentes de diamantes, onde magnificas orchestras jorram torrentes de harmonia, póde inspirar nos animos um certo deslumbramento, em que falsamente julgâmos ver o respeito inspirado pela magestade divina revelada nas magnificencias do culto. Enganâmo-nos. O sentimento que nos salteia é um sentimento que nada tem que ver com as nobres expansões do espirito; é o mesmo sentimento que a fraqueza humana podia inspirar nos homens de principios mais sinceramente democraticos, ao fitarem os esplendores da corte theatral de Luiz XIV. Aquellas pompas de Versailles, aquelles coches esplendidos, aquelle exercito de cortezãos inundados de oiro, rodeando um homem em cuja fronte augusta parecia que Deus estampára um reflexo da sua omnipotencia, deviam por força impressionar quem pela primeira vez olhasse essas rutilantes auréolas de que o grande monarcha se circundava. Somos todos, mais ou menos, borboletas estouvadas que nos vamos queimar n'essas luzes que nos deslumbram; os povos nos esplendores do luxo, ou no clarão da gloria, os individuos no luzir dos fogos fatuos da ambição, ou no brilho d'uns olhos mentirosos.

Mas depois d'esse primeiro instante, em que cedemos ao nosso instincto de mariposas, acode a reflexão, e o espirito irrita-se da obstinada cegueira por que se deixou arrastar. Então fazemos com que o idolo se despenhe das alturas vertiginosas a que o elevámos, nos abysmos insondaveis que lhes rasgâmos. Afiguram-se-nos portentosas as maculas dos soes que adorâmos loucamente, achâmos tremendas as imperfeições da creatura que julgâmos divinal.

Da mesma fórma não podêmos crer na sinceridade das impressões religiosas produzidas pelo esplendor do culto externo. Debalde me pintam com o mais vehemente colorido os primores artisticos da basilica de S. Pedro; debalde me descrevem o magestoso aspecto do pontifice-rei, caminhando altivo e soberano entre a sua comitiva de cardeaes; debalde me asseveram que esse conjuncto de maravilhas inspira ao mais sceptico religioso fervor; não posso imaginar que estas altivezas, estas magestades, estas soberanias, estas magnificencias tão puramente humanas, façam mais do que satisfazer nos espiritos cultos a sêde quasi insaciavel do bello, nos espiritos rudes essa tendencia para se curvarem sempre e em tudo ao prestigio do oiro ou do oiropel, tendencia com que folgam e de que se servem os despotas no throno e os charlatães nas feiras.

Na pobre ermida da aldeia é que o sentimento religioso é sincero e fervente; alli é que sentimos devéras o suave influxo d'este dogma que falla tanto ao coração, tão singelo na sua philosophia, tão santo na sua moral, tão sublime nos seus preceitos, e tão impregnado em poesia nas suas lendas.

Para substituir pompas por pompas não valia a pena derribar o paganismo. A sumptuosa egreja das cidades filia-se directamente no templo pagão dos antigos. S. Pedro descende dos templos de Jupiter Capitolino, Santa Sophia conta o Parthénon no numero dos seus ascendentes; mas a ermida dos campos essa é que não tem no paganismo edificio religioso que lhe corresponda. Filha do evangelho, conserva zelosamente as suas puras tradições; e a prédica da montanha occorre-nos mais promptamente ao espirito na despretenciosa nave da capellinha da serra, do que entre os prodigiosos columnelos da cathedral da cidade.

Os campos que a rodeiam, o ermo onde campeia, os horisontes desassombrados que do adro se divisam, tudo concorre para dar suavissima fragrancia a essa flor singela em cujo calice o meigo Jesus poisaria com delicias. Até o sino, que na cidade não é senão mais uma voz banal que se accrescenta ao immenso concerto d'essa colmeia agitada, tem na solidão campestre harmonias ignotas, novissima e suavissima poesia.

Por isso eu adoro a egreja do ermo com as suas paredes nuas, com o seu altar singelo, com as suas toscas imagens, com o seu pobre campanario. A religião christã nasceu nos campos, e com esses ares se dá bem. Jesus folgava de ensinar ao ar livre as suas divinas doutrinas. Se entrava no templo, respirava mal n'essa atmosphera empestada pelos sophismas dos phariseus, quando não era profanada pelos gritos dos vendilhões. No templo de agora abundam ainda os discipulos dos phariseus, e os descendentes dos vendilhões. Mas os discipulos de Jesus serão no seu ambito egualmente numerosos?

II

É n'uma d'essas egrejinhas que vamos introduzir o leitor. Não levará tempo a descripção; não temos aqui nem maravilhosos lavores no espaldar das cadeiras, nem primorosos rendilhados na cantaria das naves, nem columnas esbeltas, nem quadros primorosos. A abobada não se ergue a alturas descommunaes; a cúpula não se arroja audaciosa ao ceo; os orgãos não atrôam o templo com as torrentes da sua voz sonora. Mas, em vez de tudo isso, respiram as alvas paredes uma religiosa serenidade, uma alegria christã. Sente-se alli a religião da vida, e não a religião da morte. O ascetismo fugiria horrorisado d'aquelle ameno asylo. N'aquella nave tranquilla não póde resoar nunca o terrivel *Dies iræ*, e a urna do christianismo só alli derrama o balsamo da esperança e do santo jubilo, e não a peçonha do negro fanatismo e do terror que sacrilegamente se denomina terror religioso.

Não ha frestas altas com vidros de côres, por onde penetra timidamente um raio de luz mysteriosa que dá um livido realce á pallidez do eburneo crucifixo, e que parece acordar nos labios contrahidos de um Christo severo a maldição, a excommunhão, o anathema. O fulgor vivido do sol entra afoitamente pelas rasgadas janellas, desenha nas faces do Divino Mestre o meigo sorriso com que prendia os corações, e a sua bocca, assim illuminada, parece que murmura ainda o sublime perdão com que, entre os flagicios do Golgotha, lavava os crimes das gerações corruptas, e a benção com que saudava a humanidade regenerada, que surgia nas brumas do porvir, doiradas pelo esplendor da sua auréola.

Fica á beira da estrada na frente do cemiterio. E o cemiterio não é um d'estes pomposos e banaes cemiterios da cidade, onde os epitaphios ridiculos brilham nos marmores pretenciosamente transformados em symbolos absurdos. Não; é um campinho sereno e tranquillo, onde as arvores de frondosa copa convidam o justo ao repoiso, onde a cruz de madeira falla da eternidade, onde os passarinhos entoam o hymno da redempção. A morte alli não respira nem pavor nem tedio. Nem é lugubre o campo, nem frivolo tambem. A egreja, quando o sol, ao descair no occaso, projecta as sombras colossaes de todos os objectos, abre as suas grandes azas e abriga esses socegados sepulchros, ninhos d'almas emplumadas ao doce calor do altar, e que d'alli voaram ás regiões do empyreo.

O sino do campanario ergue raras vezes a sua voz. Ao domingo, com festivos sons, chama os fieis dos arredores ao doce convivio espiritual da missa. Então, como Jesus Christo, que folgava de participar das

alegrias e dos affectos da humanidade, e que se sentava risonho á mesa nupcial de Caná, o anjo mysterioso, que se esconde na velha torre, gorgeia, com a sua voz argentina, alegres e melodiosos repiques. Mas quando acaba a missa, quando a pouco e pouco foi ficando deserto o adro, quando o sol, abandonando os campos, se engolphou nos abysmos do occaso, cingindo o horisonte com rubido listrão que vae desmaiando, esmorecendo ao passo que as sombras vão invadindo lentamente a crista dos montes, que se azula vagamente, o ceo, em que desponta silenciosa e ainda descorada a argentea rainha da noite, quando expiram os cantos ruidosos e principiam os murmurios graves, o anjo ignoto debruça-se do campanario, escuta esse indefinivel canto, colhe na urna esses perfumes vagos, e, batendo as azas brancas, envia ao ceo o hymno melancolico das Trindades, traducção singela d'esse psalmo da natureza, argumento conciso e meigo d'esse poema, cujas mil estrophes são cantadas pela noite, pela brisa, pela ramaria das arvores, pelo sol que se esconde e pela estrella que desponta, pelo rouxinol que suspira e pela rosa que o escuta.

Se a voz do sino traduz as preces da creação, a do orgão traduz as preces da humanidade. A minha egrejinha campestre tambem tinha um orgão, um orgão modesto que se não afoitava a reproduzir as grandes paginas de musica religiosa, mas que traduzia com melancolica singeleza a humilde voz das sinceras crenças do povo, que o escutava com devoção e respeito.

Não eram luxuosos os dois ou tres altares da pobre capellinha; fragrantes sim, porque as flores substituiam com profusão os vasos de prata e os aureos thuribulos. Pois não tinham que invejar aos magnificos altares das grandes cathedraes, porque não havia incenso mais aromatico do que o perfume das violetas, nem thuribulos mais ricamente lavrados do que esses ramalhetes de variegadas côres e de primorosas fórmas!

Tal era, pois, a minha egrejinha aldeã, aonde se ia ter por uma estrada orlada de oliveiras, cujas copas quasi confundiam, d'um para outro lado do caminho, a sua folhagem cinzenta, que formava um escudo, onde se iam partir os dardos de fogo, arrojados pelo sol ardente do Riba-Tejo.

III

Promettêra eu a mim mesmo, e promettêra aos leitores, não me alargar na descripção do templo modesto, e involuntariamente fui-me comprazendo no desenho, de fórma que já lá vão dois capitulos, e ainda não fiz mais do que apresentar o scenario onde se deve passar o meu pequeno drama. É tranquillo este scenario, e não inspira senão idéas de paz e de socego. Pois apesar d'isso representou-se n'elle um drama tenebroso, tanto é verdade que as paixões do homem rugem infrenes no palacio e na choupana, na cidade e no campo, nas selvas torvas e nas planicies risonhas.

Estamos, pois, n'um domingo á hora da missa. Os camponezes dos arredores vem com os seus fatos domingueiros, as aldeãs com as suas saias de côres vistosas e as suas roupinhas elegantemente arregaçadas. O sineiro na torre entrega-se gravemente aos seus caprichos lyricos, e toca innocentemente a *Marselhesa*, que ouviu em Santarem a um realejo, sem saber que o alto clero o apearia das suas altas funcções se soubesse do escandalo que está involuntariamente praticando. Os camponezes admiram a ingrezia musical do digno artista, que n'esse momento não trocaria o seu genio e a sua gloria de executante pela gloria de Listz, ainda mesmo agora que elle está a caminho da bemaventurança, visto ter entrado nas ordens religiosas. O rapazio do sitio, accumulado na escada da torre, lucta com o desejo de implorar o Quasimodo (no officio e não na fealdade, sejâmos justos) para que os deixe apoderarem-se da suspirada corda, e mostrarem tambem a sua habilidade lyrica. Não é bem escolhida a occasião; o sineiro sente-se *en verve*, e não trocaria n'esse instante a corda do sino pelo baculo do bispo, de fórma que algum mais afoito, que ousa deitar a cabeça de fóra, e formular n'um tom melifluo o desejo de seus companheiros, recebe, em recompensa da sua dedicação civica, um sôco de soslaio, que o obriga a abdicar immediatamente a sua dignidade de representante, o que faz com que seja tanto o ardor com que elles rejeitam os suffragios dos seus compatriotas, quanto é o fervor com que os candidatos a paes da patria procuram obter a confiança popular.

No adro da egreja, os camponios encostados aos varapaus conversam gravemente na safra da azeitona; nas vindimas que estão promettedoras; nas colheitas que se perderam; nos donos da quinta proxima que são generosos; no capellão que é um santo; na tia Marianna, a respeito da qual ha grandes desconfianças de bruxaria, e que, segundo parece, anda por cima de toda a folha como qualquer de nós pelas ruas macadamisadas de Lisboa; no lobishomem que frequenta os sitios; nos ciganos que deitaram fogo a uma eira; e em outros assumptos graves e questões importantes, que são decididas pelos Nestores de aldeia, a quem se paga um *alqueire* de vinho em recompensa da sua assisada intervenção.

E não se admire o leitor da phrase *um alqueire de vinho*. Ainda vem longe os litros uniformisadores, e, em quanto elles não apparecem, a imaginação popular phantasia medidas á sua vontade. A imaginação dos ribatejanos, menos fecunda, segundo parece, do que a dos outros provincianos, entendeu que escusava de variar as denominações, e, presentindo o systema metrico, sem ter medido o meridiano terrestre, apressemo-nos a dizel-o, uniformisou por sua conta as medidas de capacidade.

Estes *alqueires* de vinho vendem-se no adro, acompanhados de tremoços, *lunch* pouco substancial, mas economico, que vae entretendo os ocios domingueiros d'estes Menalcas modernos. O *castaneæ molles et pressi copia lactis* do vate latino soffreu, como vêem, algumas modificações. O çumo da uva substituiu o leite ordenhado, tepido e espumante; os tremoços desthronisaram as castanhas.

Passou o capellão, que ia revestir á sacristia as vestes sacerdotaes. É um padre de vinte e tantos annos, de physionomia melancolica e benevola, illuminada pelo fulgor, ás vezes ardentissimo, de dois olhos negros e curiosos, que parecem interrogar o mundo, cujos encantos e loucuras lhes é defeso contemplarem.

Cessaram d'ahi a instantes as variações lyricas do sino, e principiou este a tocar á missa. Ao mesmo tempo assomou á porta da egreja o rosto grave e rubicundo do sineiro. Claramente se via que o artista illustre achava inferior ás suas habilitações esse emprego secundario, e que, depois de se ter erguido ás regiões sublimes da arte, não se podia resignar a descer ás vulgaridades do officio. Peçam a Thalberg, depois de ter tocado a phantasia de *Moysés*, que toque uma contradança, e verão como elle lhes recebe o pedido.

Os pequenos é que lucraram com a immensa prosapia do sineiro. Irromperam tumultuosamente no paraiso que se lhes franqueára; e, como é costume em todos os paraisos que não sejam habitados unicamente por um Robinson Crusoé, introduzira-se logo a desordem nas suas fileiras, o que se revelava pela irregularidade das badaladas, irregularidade annunciadora de batalha campal nas regiões da torre.

O sineiro não dava attenção a tudo isso. Encostado ao humbral da ermida, via entrarem os camponezes, e correspondia aos seus comprimentos com a magestade do homem que tem a consciencia de ser quem occupa na egreja a *mais elevada* posição.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio